

# AS LÍNGUAS DE TIMOR LESTE: PERSPECTIVAS E PROSPECTIVAS

Davi Borges de Albuquerque\*

**RESUMO:** O presente artigo objetiva apresentar ao público brasileiro uma introdução sobre os estudos lingüísticos em Timor Leste. Assim, serão apresentadas as línguas faladas em Timor Leste seguidas de breves informações e a classificação genética (sec. 2), em seguida serão discutidas informações históricas sobre essas línguas (sec.3). Finalmente, argumento que poucas pesquisas foram feitas e que Timor Leste se apresenta como um amplo campo para as pesquisas lingüísticas.

**Palavras-chave:** Timor Leste; línguas timóricas; línguas papuásicas.

## INTRODUÇÃO

A República Democrática de Timor Leste é uma pequena ilha localizada no extremo sudeste asiático e próxima ao norte da Austrália. O país conquistou sua independência recentemente no ano de 2002, após uma dominação indonésia que se iniciou em 1974. As línguas oficiais de Timor Leste, de acordo com a constituição, são a língua portuguesa e a lín-

---

\* Bolsista CAPES em Timor Leste – Professor Cooperante Universidade Nacional Timor Lorosa'e

gua tétum, ainda são aceitas as línguas inglesa e indonésia<sup>1</sup> como línguas de trabalho.

Além das línguas indo-européias citadas acima e da língua malaio, o Timor Leste possui em um pequeno território 15 línguas nativas somadas ao tétum, também língua nativa, mas que funciona como a língua franca deste mesmo território e dos povos falantes das diferentes línguas.

Os objetivos deste artigo são vários, os principais são: apresentar de maneira breve a situação linguística atual do território timorense e tentar juntar as várias contribuições já feitas pelos acadêmicos de diversas áreas do conhecimento para elaborar um conjunto um pouco mais homogêneo sobre o que se construiu, ou reconstruiu, sobre o passado e presente linguístico de Timor Leste. Ou seja, o que nós podemos afirmar com maior, ou menor grau de certeza até o presente momento da história e das línguas desta ilha.

Sendo assim, na seção seguinte serão apresentadas brevemente as línguas faladas em Timor Leste e algumas de suas características. Na seção (3) serão apresentadas as contribuições já feitas pelas diversas áreas do conhecimento em uma tentativa de reconstruir algumas informações sobre o passado timorense. Finalmente, na seção (4) as futuras e possíveis pesquisas que poderão ser realizadas em diferentes subáreas da linguística serão discutidas seguidas por algumas observações de ordem conclusivas.

---

<sup>1</sup> A chamada língua indonésia, conhecida também como *bahasa indonésio* ou simplesmente *bahasa*, que significa 'língua', trata-se na realidade da língua malaio que é a língua oficial falada na Indonésia, Malásia e Cingapura. Porém, com a política nacionalista pós-independência na Indonésia, a escolha de uma língua nacional ligada à identidade nacional tornou-se um fator fundamental nesse processo (Guan & Suryadinata 2007).

Desta maneira, houve uma necessidade de diferenciar a variedade do malaio falado na Indonésia das demais variedades faladas em outros países, ao menos no nível terminológico. Assim, doravante referir-me-ei a variedade indonésia somente como 'língua malaio'.

## TIMOR LESTE: SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA

As línguas faladas em Timor são 16 e podem ser divididas em dois grandes grupos: austronésico e papuásico (ou não-austronésico)<sup>2</sup>. O número de falantes varia muito<sup>3</sup>: há o caso do tétum que é falado por 82% da população e do Mambae que é língua materna de cerca de 17% dos timorenses<sup>4</sup>, assim como o Makuva que é uma língua considerada extinta usada somente em rituais pelos mais velhos no distrito de Lautém.

As línguas austronésicas espalhadas pelo território timorense são 12. Segundo Hull (1998, 2000, 2001 b), pertencem ao ramo Malaio-Polinésio Ocidental e ao sub-ramo Neo-

---

<sup>2</sup> As línguas papuásicas apresentam uma grande dificuldade quanto à filiação genética. Além do grande número de línguas, cerca de 750, muitas não foram estudadas de maneira satisfatória até a atualidade. Ainda, as diversas migrações, intenso contato entre diferentes povos, a vasta quantidade de ilhas, o isolamento geográfico e uma profundidade temporal que ultrapassa o limite do método histórico-comparativo, que cobre aproximadamente até 8000 anos não mais que isso, são fatores que influenciam no estudo dessas línguas.

Desta maneira, chamar esse grupo de línguas de 'línguas papuásicas' pode pressupor um ancestral comum, como o caso das línguas austronésicas que descendem de uma língua mãe comum o proto-austronésio, o que não é correto. Assim, muitas vezes, linguistas se referem a esse grupo de línguas simplesmente como 'não-austronésicas', ou 'pré-austronésicas'.

Finalmente, as 4 línguas faladas em Timor Leste de origem papuásicas - Fataluku, Makalero, Makasae e Bunak - podem ser classificadas, juntamente com as demais línguas papuásicas, como pertencentes ao Filo Trans-Nova-Guiné, que consiste em uma classificação bem mais ampla.

<sup>3</sup> Vale a pena comentar que até os dados de recenseamento sobre a população, as línguas e seus falantes em Timor Leste ainda é precário, já que foram realizados por instituições distintas que possuem um interesse ideológico em tais dados. Por isso, os dados apresentados por diferentes instituições são bem divergentes entre si.

Para o presente artigo foram consultados os seguintes trabalhos: *Inquérito aos Sucos de Timor Leste* (2001), *Timor-Leste Census of Population and Housing* (2006) e *Ethnologue* (2009). Sempre que algum número for utilizado será remetida a fonte deste.

<sup>4</sup> Dados extraídos do *Timor-Leste Census of Population and Housing* (2006). Ainda, segundo a mesma publicação, as porcentagens são de uma população para o Timor Leste de 923.198 habitantes. Tal recenseamento foi realizado no ano de 2004.

Butônico. Ainda, podem ser sub-divididas em dois grupos: o grupo Fabrônico (Tétum, Kawaimina, Habun, Wetarese, Galolen, Bekais e Dawan) e o grupo Ramelaico<sup>5</sup> (Tokodede, Kemak, Mambae, Idalaka). O Makuva é isolado geograficamente no extremo leste de Timor e, apesar de ser classificado como língua Fabrônica, é provavelmente relacionado às línguas austronésicas da Nautonia (um conjunto de ilhas localizadas a leste de Timor).

Ainda, segundo Hull (2001 a, 2001 b), essas línguas descendem do Butonês Antigo e foram introduzidas na ilha de Timor através de migrações originárias do sudeste das ilhas Celebes cerca de mil anos atrás. Nesse período, os povos falantes dessas línguas tiveram contato com povos já estabelecidos na ilha que provavelmente eram falantes somente de línguas não-austronésicas. O fator de maior importância no desenvolvimento das línguas faladas em Timor Leste foi a migração de povos originários da região central das Molucas um pouco após esse período da migração dos povos butoneses, que desencadeou um intenso contato e, desta maneira, um processo de crioulização em todas as línguas nativas austronésicas e não-austronésicas.

A seguir, serão apresentadas as línguas separadas de acordo com suas classificações genéticas juntamente com algumas informações sobre elas:

---

<sup>5</sup> A terminologia usada pelo linguista australiano Geoffrey Hull, que é o grande estudioso e pioneiro nas línguas de Timor Leste, possui uma arbitrariedade. O termo 'Fabrônico' vem do latim *Fabronum Insulae* que é o nome das ilhas de Tukang Besi 'ilhas do ferreiro' umas das ilhas Celebes de onde vieram as migrações butonesas, e 'ramelaico' refere-se à Montanha Ramelau localizada no centro do país e onde se localizam as línguas desse grupo.

## LÍNGUAS AUSTRONÉSICAS - GRUPO FABRÔNICO:

### **Tétum:**

é a língua franca de Timor Leste e falada pela maior parte da população. Em 2002, de acordo com a constituição, foi alçada ao status de língua co-oficial ao lado da língua portuguesa, que é a língua oficial<sup>6</sup>. É a língua que está ligada a identidade nacional por diversos motivos (Alves 2005), além de ser a língua franca, foi também a língua melhor documentada no período colonial português; foi a língua escolhida pela igreja católica para a catequese; foi a língua que se manteve durante a ocupação indonésia, já que o português foi proibido e tornou-se a língua de resistência.

Excetuando-se o fato da invasão e posterior ocupação indonésia, o status que a língua tétum ocupou durante o período colonial português assemelhou-se ao tupinambá (e posterior *nheegatu*) no Brasil.

Entre as línguas faladas em Timor Leste é a que possui um maior número de publicações: diversos artigos de autoria de Esperança (2001), que versam sobre a situação sociolinguística de Timor Leste e analisam o tétum; uma gramática pedagógica (Hull 1993) e uma gramática da língua tétum (Hull & Eccles 2005);

### **Habun:**

é uma língua pouco estudada e possui um número reduzido de falantes, cerca de 1200 falantes, segundo o

---

<sup>6</sup> A língua tétum tem três dialetos: o tétum-praça, o tétum-térik e o tétum-belu. O dialeto reconhecido na constituição é o tétum-praça, que consiste em um crioulo que tem a língua portuguesa como língua lexificadora.

O tétum-térik destaca-se por apresentar estruturas arcaizantes e não-crioulas, como um sistema de concordância, uma rica morfologia verbal e um léxico nativo. O tétum-belu difere-se dos demais dialetos por ser falado próximo da fronteira e apresentar uma grande influência da língua malaio.

*Ethnologue* (2009). Hull (2001 a) considera-a uma versão arcaica do tétum;

### **Galolen:**

é a língua nativa do distrito de Manatuto e destaca-se das demais por possuir alguns estudos já publicados: uma gramática (Silva 1900) e um dicionário português-galolen (Silva 1905) e também por ser rica em empréstimos de diversas línguas pelo fato dessa região ser rica em contatos com vários povos através do mar e pelos grandes rios localizados nessa região;

### **Wetarês:**

Wetar é uma ilha localizada ao norte da ilha de Timor e possui diversos dialetos e sub-dialetos espalhados pelas diversas micro-ilhas da região, incluindo a ilha de Ataúro, pequena ilha que pertence à nação timorense.

Nessa ilha, existem três sub-dialetos do wetarês que são denominados: resuk, rahesuk e raklungu;

### **Kawaimina:**

consiste em um complexo dialetal localizado a leste do território timorense e convive com as línguas papuásicas tendo algumas influências destas. O termo 'kawaimina' não é reconhecido pelos falantes, pois se trata da junção dos dialetos, que são: Kairui, Waimoa, Midiki e Naueti;

### **Bekais:**

é falada apenas em uma pequena região, Balibó, perto da fronteira com a Indonésia. No passado, era falada em uma região bem mais extensa, mas foi substituído pelo tétum (dialecto belunês);

### **Dawan:**

em seu dialeto denominado Baikenu, é falado no enclave de Oecussi. O enclave de Oecussi foi a capital até o ano 1769 durante a colonização portuguesa e era conhecido como Lifau. Após esse ano, a capital foi transferida para Díli, que é a capital de Timor Leste até a atualidade.

A língua Dawan também é falada do outro lado da ilha de Timor, na parte oeste que é território indonésio, e possui um grande número de empréstimos malaios. O dialeto Baikenu possui também um grande número de empréstimos portugueses;

### **Makuva:**

a situação sociolinguística atual do makuva ainda é um tanto controversa. Alguns linguistas consideram-na extinta, outros apresentam indícios de que seja uma língua usada somente em rituais e não é ensinada aos mais novos como uma forma para proteger a língua. Desta maneira, os estudos e os dados sobre o makuva ainda são um pouco incertos.

## GRUPO RAMELAICO

### **Mambae:**

é uma das línguas de Timor Leste que possui mais falantes nativos. É digno de nota também por ser falado em uma vasta região e apresentar uma grande variação dialetal; traços de forte crioulição com uma morfologia simples; um léxico com uma grande influência papuásica;

### **Tokodede:**

é a língua materna do distrito de Liquiçá (mas também de algumas regiões adjacentes) e apresenta traços ainda mais

fortes de crioulização com a morfologia completamente isolante, e também um léxico papuásico;

### **Kemak:**

é falado perto da fronteira com a indonésia e além de possuir um léxico papuásico, porém distinto das demais línguas do grupo - Mambae, Tokodede e Idalaka -, apresenta também grande influência do malaio;

### **Idalaka:**

também consiste em uma terminologia científica para se referir a esse complexo dialetal formado pelos dialetos: Idaté, Lakalei e Isni, assim como é o caso do Kawaimina. Esses dialetos apresentam alguns traços arcaicos e compartilham certas características com algumas línguas do grupo fabrônico, isso faz com que seja a provável proto-língua do grupo ramelaico.

## LÍNGUAS PAPUÁSICAS - GRUPO NEO-BOMBERAICO<sup>7</sup>:

### **Fataluku:**

apresenta uma grande variação dialetal, assim como o Mambae. É falada no extremo leste do país, no distrito de Lautém. Digno de nota é que o povo falante de fataluku é culturalmente distinto dos demais povos de Timor Leste;

### **Makasae:**

é uma das línguas com mais falantes nativos em Timor Leste - juntamente com o Mambae - e é localizada principalmente no distrito de Baucau;

---

<sup>7</sup> O nome 'neo-bomberaico' é usado pelo fato dessas línguas papuásicas terem um único ancestral comum e de origem da península de Bombera.



### **Makalero:**

é similar ao Makasae, e encontra-se em uma posição intermediária entre o Makasae (porém mais próximo deste) e o Fataluku no que seria um contínuo dialetal papuásico localizado no leste do país;

### **Bunak:**

é falado praticamente na mesma região que o Kemak, com pequenas distinções de alguns espaços. Ainda, convive também com o Tétum-Belu. Apesar de ser uma língua papuásica, é a mais divergente das quatro por ter se separado das demais em um período histórico mais antigo e por sofrer influências mais intensas dos contatos com as línguas vizinhas.

## **BREVE HISTÓRICO DAS LÍNGUAS TIMORENSES**

Os povos que foram os primeiros habitantes do território timorense eram ágrafos, ou seja, não desenvolveram nenhuma forma de escrita. Logo, não há registros escritos que possuam uma grande profundidade temporal contendo informações sobre o Timor ou os povos que aqui viviam. Os primeiros documentos que chegaram até nós contendo informações sobre o Timor datam do século XIV. As ciências que podem nos ajudar a conhecer, então, um pouco mais sobre o Timor Leste em datas anteriores a esse período são a arqueologia e a linguística histórica, já que a história pouco pode fazer com a ausência de registros escritos.

Após o século XIV, alguns documentos começam a mencionar o Timor Leste, pois nesse período já havia uma rota comercial estável. Os principais povos navegadores dessa rota comercial eram os chineses, indianos e os povos islâmicos, e o Timor Leste fazia parte da rota de navegação desses povos

pela importância que o sândalo branco tinha para o comércio da época. Um pouco depois, no século XVI, a documentação sobre o Timor Leste torna-se significativa já que os europeus começam a ter um interesse no sudeste asiático, e Portugal destaca-se por montar feitorias em diversas cidades.

A arqueologia conseguiu poucos avanços significativos no período anterior à invasão indonésia, e cessando por completo durante este período. São da época anterior à invasão os principais trabalhos escritos sobre a arqueologia do Timor. Após a independência do Timor Leste, algumas pesquisas arqueológicas vêm tendo o território timorense como objeto de estudo.

No Neolítico há dois períodos distintos de migrações para o Timor e de duas sociedades diferentes. O mais antigo data de cerca 3500 a.C. e essa civilização é chamada de *machado oval*. As características dela são muito parecidas com alguns povos papuásicos que mantêm suas tradições até a atualidade, são elas: a criação de porcos e galinhas, uma agricultura primitiva baseada somente em uma cultura de tubérculos e uma olaria rudimentar. Acredita-se que a civilização do *machado oval* do Timor é que deu origem as línguas papuásicas hoje faladas na região, a saber: fataluku, makalero, makasae e bunak. Já em 2500 a.C. surgem os vestígios da civilização do *machado quadrangular*, e é esta que deu origem a grande parte dos traços culturais presentes hoje no povo timorense. Entre os traços culturais do povo timorense herdados da civilização do *machado quadrangular* são: a cultura dos cereais (o arroz é parte fundamental da alimentação timorense), a domesticação do búfalo (que possui papel de destaque na alimentação e nas diversas relações inter-pessoais, como o casamento), a tecelagem e a construção de casas sobre estacas. Já a civilização do *machado quadrangular* está ligada com a expansão e as migrações do povo austronésio e, assim, está ligada com as línguas austronésicas (Tomaz 1994: 591 e segs).

Sobre a pesquisa arqueológica realizada em Timor Leste, merece destaque a realizada por Glover, pois os estudos desse autor alcançaram algumas conclusões significativas sobre a pré-história timorense. Glover (1971) afirma que uma agricultura primitiva já havia se instituído na região por volta do ano 3000 A.P.<sup>8</sup> e que tal agricultura foi possível por causa das migrações austronésicas que ocorreram em um período anterior a esse. Ainda, segundo a análise e a datação de algumas ferramentas de pedra, o autor concluiu que havia, em um período anterior a essas migrações austronésicas, uma população de caçadores e coletores que já se encontrava em Timor por volta do ano 10.000 A.P.

Escavações mais recentes começaram a ser realizadas por diversos arqueólogos, após Timor Leste tornar-se um país independente. Algumas delas revelaram que a ilha de Timor Leste já era ocupada em um período entre 35.000 A.P. e 30.000 A.P. (O'Connor, Spriggs & Veth 2002). Outras evidências baseadas na análise da tecnologia náutica, na pesca e na presença de animais conseguiram trazer datações mais específicas sobre as migrações que ocorreram no passado. Por exemplo, a datação de alguns artefatos encontrados utilizados para pesca, como anzóis, entre outros, foi de 10.000 A.P. (O'Connor & Veth 2005) e remete ao uso dessa tecnologia de pesca anterior ao povo austronésico (que desenvolveu essa tecnologia em um período posterior), e a presença de um marsupial originário da Papua que data 9.000 A.P. (O'Connor 2006) também é outra evidência da presença da ocupação humana em Timor Leste de povos de origem não-austronésicos, assim como essas informações são evidências do período da migração austronésica para a ilha.

A arqueologia na atualidade, todavia, ainda possui muitas questões a serem respondidas, principalmente sobre o período da inserção da agricultura no Timor Leste. Algumas

---

<sup>8</sup> A.P. sigla de 'antes do presente'.

datações remetem a um período entre 4.000 A.P. e 3.500 A.P. Mas não foram achados resíduos macro-botânicos significativos que apontem para a atividade de agricultura, somente a presença de cerâmica e artefatos neolíticos (Oliveira 2006: 95).

Já as informações que a linguística traz são diferentes das apresentadas pela arqueologia. As evidências linguísticas mostram que o povo que deu origem às línguas Timóricas<sup>9</sup> faladas hoje no território do Timor Leste chegou provavelmente no rio de Laleia, no distrito de Manatuto, cerca de um milênio atrás e são originários da região onde estão localizadas as ilhas Muna, Butão e Tukang Besi, mais especificamente sudeste das ilhas Celebes.

As línguas Timóricas são descendentes de uma única língua, o Proto-Timórico, e os processos que geraram as diversas línguas timóricas modernas e suas respectivas crioulizações aconteceram em um período histórico mais recente, por volta do século XII e, depois, no século XV (Hull 2001 b: 100 e segs).

A linguística acaba por se diferenciar da arqueologia também em suas evidências quanto ao povoamento pré-histórico do Timor Leste. Elas estão presentes nas línguas papuásicas, a saber: fataluku, makalero, makasae e bunak, e no grupo Ramelaico - mambae, tokodede, kemak e idalaka - das línguas Timóricas.

As línguas papuásicas têm uma origem e uma filiação genética com as línguas faladas na península Bomberaica da Papua Ocidental, e o povo falante da língua bomberaica que as originou parece ter migrado para o Timor cerca de 2000 a.C. A análise dos cognatos das línguas papuásicas do Timor, feita por Hull (2004: 28 e segs), indica que essas línguas derivam de uma única língua mãe, ou seja, de somente um povo falante de uma só língua papuásica que migrou cerca de qua-

---

<sup>9</sup> São chamadas de 'línguas timóricas' as línguas faladas em Timor de origem austronésica.

tro mil anos atrás para o Timor. As línguas Timóricas, porém, apresentam outro substrato que indica a presença de línguas pré-austronésicas, e, conseqüentemente, a presença de um povo pré-austronésio anterior ao povo neo-bomberaico que inseriu a língua papuásica que se fragmentou e gerou as quatro línguas conhecidas na atualidade.

O grupo Ramelaico das línguas Timóricas, formado pelas línguas mambae, tokodede e kemak, originou-se do Idalaka Antigo. Esse grupo de línguas merece destaque por ter uma natureza híbrida. Essas línguas são denominadas de semi-austronésicas por possuir apenas superficialmente alguns elementos austronésicos, quando na realidade elas possuem três substratos distintos, o que leva a crer que na região do Monte Ramelau, antes de ser introduzido o Idalaka, ali eram faladas três línguas pré-austronésicas distintas (Hull 2001 a: 4 e segs).

A ascensão da língua tétum ao *status* de língua franca deve ter acontecido em uma profundidade temporal relativamente recente: antes da chegada dos portugueses, mas depois do século XI, ou seja, num período entre os anos 1100 e 1400 aproximadamente. O argumento principal é de ordem linguística e baseia-se na distribuição geográfica da língua tétum, já que todas as línguas nativas de Timor Leste apresentam uma distribuição geográfica contínua e uma diferenciação dialetal notável, - principalmente no nível fonológico -, enquanto o tétum apresenta uma distribuição descontínua e os três dialetos - Tétum-Praça, Tétum-Terik e Tétum-Belo - apresentam variações internas mínimas. Há ainda a análise dos topônimos que revela um conjunto numeroso de nomes de origem Tétum, em regiões não-falantes desta língua, como:

- *Cota-boot* 'aldeia grande' e ribeira *Mácin* 'sal, salgado', na região falante de Bunak;
- *Fatuclaran* 'entre as pedras' e *Fatubeci* 'pedra-ferro', na região falante de Kemak;

- *Lete-Foho* ‘alto da montanha’, *Manufahi* ‘ave-porco’ e *Ainaro* ‘pau comprido’, na região falante de Mambae;
- *Matebian* ‘alma dos mortos’, na região falante de Makasae (Thomaz 2002: 69 e segs.).

Outro fato digno de nota são as referências feitas às línguas nativas na documentação do período português. A maioria desses documentos faz referência somente a duas línguas nativas do Timor: o Tétum e o Baikenu. O que nos leva a interpretar que, como o Timor Leste era dividido em pequenos reinos que viviam em constantes batalhas, um reino falante de língua tétum deve ter se destacado nas guerras e dominado uma vasta região do território timorense. Desta maneira, muitos foram obrigados a falar tal língua dominante e, posteriormente, quando o tétum já havia se estabelecido nas diversas regiões e sofrido processo de crioulização serviu, então, como língua franca para efetuar a comunicação entre os vários povos nativos do Timor Leste falantes de línguas diferentes.

Além da dominação de uma vasta região geográfica do território da ilha de Timor, outros fatores contribuíram para a crioulização do tétum e das demais línguas nativas do Timor Leste. O principal deles é apontado por Hull (2001a: 100 e segs.) como duas ondas sucessivas de migrações em massa para o Timor Leste em um intervalo de tempo relativamente pequeno. O autor afirma que a primeira onda de migração ocorreu provavelmente no século XIII com a introdução do Ambonês Antigo, uma proto-língua que teve um intenso contato com as línguas que já eram faladas nesta ilha: as línguas austronésicas que foram introduzidas através das migrações das Celebes e as línguas não-austronésicas que datam um período pré-histórico. A segunda onda de migração foi da língua malaio que foi introduzida com os comerciantes, provavelmente no século XV, que navegavam as rotas comerciais asiáticas. Nesse período, a língua malaio sofreu

um processo de crioulização e tornou-se a língua franca de grande parte do sudeste asiático, pois era a língua usada nas relações comerciais, e também foi uma língua regional de troca. Segundo Hull (2001 a: 101), essas duas ondas migratórias acabaram por fazer com que as línguas nativas do Timor Leste sofressem um processo de crioulização intenso e em um tempo curto.

## PERSPECTIVAS E PROSPECTIVAS DOS ESTUDOS CIENTÍFICOS

As áreas do conhecimento que podem nos ajudar a reconstruir o passado timorense são: a arqueologia, a história e a linguística histórica, conforme já foi discutido. Um breve compêndio sobre alguns dos principais trabalhos, e de seus respectivos resultados, dessas três áreas foi exposto na seção anterior.

O passado pré-histórico por sua natureza é repleto de incertezas, e, mesmo com todo o conhecimento científico e tecnológico da atualidade, conseguimos apreender apenas uma pequena parcela sobre traços da cultura material e imaterial dos antepassados da humanidade. Sobre a antiguidade de Timor Leste acontece a mesma coisa, porém, o grau de incerteza sobre os antepassados do povo timorense é ainda maior, pois as pesquisas realizadas nas áreas de linguística histórica e arqueologia encontram-se em estágio inicial e apresentam resultados distintos.

A pesquisa arqueológica demanda uma tecnologia ím-par, uma equipe qualificada e um orçamento alto, somente para a procura dos objetos para a análise. Todo o processo de procura ainda não garante o sucesso das pesquisas, que necessitam de análises laboratoriais para a datação dos achados. Ainda, poucos são os trabalhos sobre arqueologia realizados em Timor Leste, o que demanda dos pesquisadores da área um esforço bem maior. Os resultados, porém, que po-

dem ser alcançados são muitos, e, dessa forma, eles poderão nos dizer mais sobre a pré-história dos antepassados dos timorenses, cobrindo um intervalo temporal muito maior que o método histórico-comparativo da linguística histórica que possui uma limitação temporal como foi dito. Entre as indagações que a arqueologia pode nos ajudar a responder:

- as migrações para ilha de Timor: quantas foram? E em quais períodos? Quais povos?
- o povoamento desta ilha aconteceu como? Haviam povos que foram extintos e não deixaram traços na atualidade?
- Como era o comportamento dos primeiros habitantes do Timor?

Já a linguística histórica em tempos mais recentes apresentou vários resultados, como foi apresentado na seção 3. Entre eles, foram levantadas hipóteses que respondem até algumas das perguntas levantadas anteriormente, principalmente sobre a datação das migrações para a ilha de Timor e os diferentes povos que para aqui outrora migraram, sobre as migrações dos povos papuásicos, ver Hull (2004), e sobre os austronésios, ver Hull (1998). A pesquisa na área da linguística histórica necessita dos resultados obtidos das pesquisas da descrição linguística, ou seja, o método histórico-comparativo trabalha com os dados presentes nas descrições gramaticais das línguas.

Dessa forma, os estudos linguísticos, além de estarem interligados, resolverão diversos problemas de caráter emergencial pelos quais as línguas do Timor Leste estão sofrendo. Como a linguística histórica necessita da linguística descritiva, a linguística descritiva é necessária para resolver os seguintes problemas das línguas nativas timorenses:



- Estabelecer uma ortografia e uma normalização;
- Elaboração da descrição gramatical;
- Promover o ensino das línguas nativas em suas respectivas comunidades falantes;
- Revitalização das línguas nativas que estão ameaçadas.

Os primeiros habitantes da ilha de Timor, assim como seus descendentes, eram povos de cultura ágrafa, ou seja, povos que não desenvolveram a tradição da escrita. Dessa maneira, cabe ao linguista, juntamente com a comunidade falante, desenvolver uma ortografia padronizada e refletir sobre qual variedade da língua será adotada como padrão, já que algumas das línguas aqui faladas apresentam uma diversidade dialetal notável. Como exemplo de variante dialetal que não apresenta problema algum entre os falantes é o caso da língua Fataluku que apresenta cinco dialetos mutuamente inteligíveis, com apenas pequenas diferenças fonológicas. Já o oposto é o complexo dialetal Kawaimina, formado pelos dialetos Kairui, Waimua, Midiki e Naueti, que apresentam características linguísticas distintas umas das outras e uma distribuição geográfica descontínua (Hull 2001 a : 5).

Depois de estabelecidos os problemas de padronização linguística, o linguista deve elaborar a descrição gramatical da língua. O processo de elaboração da descrição linguística deve ser permeado por alguns parâmetros que são necessários para a melhor acessibilidade do povo timorense a esse material, são eles: a descrição que deve procurar abster-se, na medida do possível, de referenciais teóricos e/ou metodológicos, pois o objetivo da elaboração do material é o registro e a documentação das línguas para a comunidade, e não para a defesa de algum referencial teórico adotado pelo pesquisador; o material que deve ser elaborado nas línguas oficiais, de acordo com a Constituição da República Democrática do Timor Leste, são elas: a língua tétum e a língua

portuguesa, pois entre os objetivos secundários da elaboração desse material está o auxílio para o Timor Leste ser autônomo em todas as áreas, inclusive nas diversas áreas do conhecimento, e a elaboração de material em outras línguas acaba por tornar a nação timorense ainda mais dependente de línguas não-nacionais e dos respectivos pesquisadores que escrevem nessas línguas.

A elaboração da gramática da língua, sua publicação e distribuição, servem como base para a comunidade começar a pensar o ensino de sua língua paralelamente ao ensino das línguas oficiais nas escolas. Dessa forma, a língua nativa quando começar a ser ensinada nas escolas: estará protegida da ameaça de redução do número de falantes, servirá como um instrumento para a comunidade manter e eternizar suas tradições e formas de pensamento, terá seu prestígio social aumentado, e estará devidamente documentada.

Finalmente, esse processo todo ainda servirá como um instrumento para a revitalização das línguas nativas timorenses que estão ameaçadas atualmente. Pois como foi dito anteriormente, o ensino das línguas nativas na escola com um material adequado será o fator principal para a manutenção e também da revitalização das línguas ameaçadas.

Com o que foi dito acima, pôde ser percebido que a pesquisa nas diversas áreas da linguística, desde as áreas mais teóricas até as mais práticas que visam o ensino, estão interligadas. E, ainda, a partir do momento que o pesquisador se debruça sobre problemas a respeito do passado linguístico, ele estará também se debruçando sobre questões da atualidade linguística e seus resultados é que auxiliarão, ou não, o futuro dessas mesmas comunidades linguísticas por ele estudadas.

## CONCLUSÃO: A FUNDAÇÃO DA “LINGÜÍSTICA TIMORENSE”

A ciência que tem muito a contribuir para o povo timorense e para os estudos culturais do Timor é a linguística. Em outro trabalho (Albuquerque 2008), argumentei que a própria linguística também tem muito a ganhar nos estudos das línguas nativas do Timor Leste. A linguística destaca-se da grande parte das ciências por precisar de um objeto de estudo humano - as línguas e seus respectivos falantes - e pelo fator de o método de análise linguística ser economicamente viável para um país em crescimento, como o Timor Leste.

Outro fator de extrema importância é a questão da ecologia linguística e das línguas ameaçadas. A ecologia linguística aqui é entendida de acordo com Muhlhäusler (1996): o exercício de pensar as línguas como “espécies biológicas” é interessante para se entender questões linguísticas como a importância da biodiversidade, o prejuízo da extinção de espécies, o perigo de espécies ameaçadas, entre outras, porém, deve-se ter em mente outro fator: a língua não é uma entidade *per se*. Segundo Hale (1992a, 1992b), uma língua somente é considerada não-ameaçada quando possui um número de falantes superior a 100.000 e, ainda, quando os problemas que podem levar a língua de uma comunidade específica à extinção estão solucionados. Desta forma, a grande parte das línguas nativas faladas em Timor Leste está ameaçada, já que somente as línguas Tétum (200.000 falantes), Mambae (180.000 falantes) e Makasae (110.000 falantes) possuem um número de falantes superior a 100.000, enquanto as demais línguas estão ameaçadas, outras correm sério risco de extinção como o Isni, falado por 290 pessoas<sup>10</sup>, e o caso da língua Makuva que é somente usada em contextos sociais específicos e falada por um número insignificante de pessoas o que a torna seriamente ameaçada de extinção (Himmelman & Hajek 2001).

---

<sup>10</sup> O número de falantes das línguas aqui citados são aqueles que constam no *Inquérito aos Sucos de Timor Leste* (2001).

O linguista deve agir nessas questões com o apoio das autoridades competentes, o Instituto Nacional de Linguística (INL), universidades interessadas e demais instituições de apoio e fomento a pesquisa, para realizar um processo que possui várias fases:

- levantamento de dados linguístico de cada língua nativa (realização de pesquisa linguística intensa em cada comunidade);
- análise e publicação de resultados preliminares sobre seus estudos (através de artigos científicos, encontros, simpósios etc.);
- publicação da descrição gramatical da língua nativa;
- com a descrição gramatical, elaborar e publicar materiais didáticos sobre a língua ameaçada, como livros de alfabetização, cartilhas, dicionários etc.;
- iniciar um processo de revitalização das línguas ameaçadas que envolva o linguista, os professores da comunidade e os alunos da mesma comunidade, e a posse dos materiais elaborados;
- Tal processo exigirá uma parcela de investimento pelas autoridades responsáveis e por demais entidades para contratar a mão de obra (linguistas, professores nativos, auxiliares) e apoio financeiro (viagens, publicação de material, incentivo à pesquisa).

Após esse processo entrar em andamento, o linguista que tem objetivo de atuar na linguística histórica, deve ter em suas mãos a posse das divulgações dos resultados preliminares, para iniciar as suas pesquisas de natureza teórica, mas que muito tem para contribuir para a nação timorense sobre seus antepassados e para a teoria linguística sobre a história das diversas línguas aqui faladas.

Logo, o processo de pesquisa e a fundação de uma linguística do Timor Leste ainda estão por fazer, e é um pro-

cesso complexo que somente pode se estabilizar em longo prazo. Mesmo, porém, que tal processo demande um investimento de pessoal, financeiro e de planejamento, ele é de extrema importância para a cultura do povo timorense. Outro argumento que foi apresentado no presente estudo, e não será exaustivo se repetido, é que o estudo da linguística histórica está interligado com as diversas áreas da linguística, e a ciência das línguas acaba por perpassar por diversos níveis do sistema educacional já que está presente na elaboração do material, no planejamento do currículo, nas atividades escolares, entre outras. Isto faz com que a linguística e os linguistas tenham um papel fundamental na construção de um Timor Leste genuinamente independente.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, D. B. *Contribuições de Timor Leste à linguística*. MS. 2008.
- ALVES, S. B. *O tétum-praça e a construção da identidade de Timór Lorosa'e*. UnB: Dissertação de Mestrado, 2005.
- ESPERANÇA, J. P. T. *Estudos de Linguística Timorense*. Aveiro: SUL, 2001.
- GUAN, L. H. & SURYADINATA, L. (eds.) *Language, Nation and Development in Southeast Asia*. Cingapura: ISEAS, 2007.
- GLOVER, I. "Prehistoric research in Timor" In Mulvaney, D.J. and J. Golson (eds.) *Aboriginal Man and Environment in Australia*. pp.158-81. Canberra: The Australian National University, 1971.
- HALE, K. "On endangered languages and the safeguarding of diversity". *Language*. 68. 1-3, 1992a.
- \_\_\_\_\_. "Language endangerment and the human value of linguistic diversity". *Language*. 68. 35-42, 1992b.
- HIMMELMANN, N. & HAJEK, J. "A Report on the Current Sociolinguistics Situation in Lautém (East Timor)". *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, vol. vol. 4, 2001. pp. 88-97.
- HULL, G. *Mai koalia Tetun: A beginner's Course in Tetum-Praça, the Lingua Franca of East Timor*. Sydney: Australian Catholic Relief/ Australian Catholic Social Justice Council, 1993.

- \_\_\_\_\_. “The Basic Lexical Affinities of Timor’s Austronesian Languages: A Preliminary Investigaion”. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, vol. 1, 1998. pp. 97-202.
- \_\_\_\_\_. “Historical phonology of Tetum”. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, vol.3, 2000. pp. 158-212.
- \_\_\_\_\_. “O Mapa Linguístico de Timor Leste: Uma Orientação Dialectológica”. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, vol.4, 2001 a. pp. 1-19.
- \_\_\_\_\_. “A Morphological overview of the Timoric Sprachbund”. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, vol. 4, 2001 b. pp. 98-205.
- \_\_\_\_\_. “The Papuan Languages of Timor”. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, vol.6, 2004. pp. 23 -100.
- HULL, G & ECCLES, L. *Gramática da Língua Tétum* Lisboa: Lidel, 2005.
- INQUÉRITO AOS SUCOS DE TIMOR LESTE, 2001.
- LEWIS, P. (ed.). *Ethnologue: Languages of the World*, Sixteenth edition. Dallas: SIL International, 2009. Online version: <http://www.ethnologue.com/>.
- MUHLHÄUSLER, P. *Linguistic ecology: language change and linguistic imperialism in the Pacific regions*. London / New York: Routledge, 1996.
- NATIONAL BOARD OF STATISTICS. *Timor-Leste Census of Population and Housing 2004*. Priority Tables Editions: National Board of Statistics and the United Nation Fund for Population, 2006.
- O’CONNOR, S. “Unpacking the Island Southeast Asian Neolithic Cultural Package, and Finding Local Complexity”. I. C. GLOVER; E. A. BACUS & V. C. PIGOTT (eds.). *Uncovering Southeast Asia’s Past Selected Papers from the 10th International Conference of the European Association of Southeast Asian Archaeologists*, The British Museum, London 14th-17th September 2004. Singapore: National University of Singapore, 2006. pp. 74 87.
- O’CONNOR, S. & VETH, P. “Early Holocene shell fish hooks from Lene Hara Cave, East Timor establish complex fishing technology was in use in Island Southeast Asia five thousand years before Austronesian settlement”. *Antiquity* **79**. 1-8, 2005.
- O’CONNOR, S; SPRIGGS, M. & VETH, P. “Excavation at Lene Hara Cave establishes occupation in East Timor at least 30,000-35,000 years ago”. *Antiquity* 76. 45-50, 2002.
- OLIVEIRA, N. V. “Returning to East Timor: Prospects and Possibilities from an Archaeobotanical Project in the New Country”. *Uncovering*

Southeast Asia's Past. *Selected Papers from the 10th International Conference of the European Association of Southeast Asian Archaeologists*, The British Museum, London 14th-17th September 2004. I. C. G. E. A. Bacus, V. C. Pigott. Singapore: National University of Singapore, 2006. pp. 88-97.

SILVA, M. M. A. *Noções da grammatica galoli, dialecto de Timor*. Macau: Typographia do Seminário de São José, 1900.

\_\_\_\_\_. *Diccionario portuguez-galoli*. Macau: Typographia Mercantil, 1905.

THOMAZ, L. F. F. R. *De Ceuta a Timor*. Carnaxide: Difel, 1994.

\_\_\_\_\_. *Babel Loro Sa'e: O Problema Linguístico de Timor Leste*. Lisboa: Instituto Camões, 2002.

**ABSTRACT:** The present paper intends to present to the Brazilian reader an introduction to East Timor linguistics studies. In that case, it will be briefly discussed East Timor spoken languages with its genetic classification (sec. 2), followed by some historical information (sec. 3). Finally, I argue that only a few researches on East Timor languages have been elaborate, and there are a lot of studies that should be conducted on different linguistics areas.

**Keywords:** East Timor; Timoric Languages; Papuasic Languages.